



“Revolução branca”, tecnologia e riqueza



Eugenio
Viassa
Monteiro
Professor da AESE

Cada vez mais se nota um regresso à agricultura, que continua a ser o sustento de muitas famílias, tanto nos países ricos como nos pobres. Importa ser-se imaginativo, para se acrescentar muito valor, estabelecendo a logística para pôr o produto elaborado nas mãos de quem o aprecia.

Chamou-me a atenção o facto de a federação de cooperativas de comercialização do leite, com base em Anand, Gujarat, na Índia, com a famosa marca AMUL, inaugurar em Março uma unidade totalmente robotizada para tratar leite, empacotar, pesar e fechar. Qualquer observador levanta logo a questão: que sentido tem isso num país tão pobre e atrasado, com tanta falta de postos de trabalho? Um estranho luxo, dirá!

A Cooperativa de leite começou a sua atividade nos anos 50 do século XX, sob a Direcção de Vergese Kurien, falecido recentemente, com 90 anos. Os princípios e a sua integridade, que imprimiu à Cooperativa, fizeram-na progredir depressa, com a gama completa de derivados de leite e melhoria clara das receitas dos cooperantes. Estes são pagos no ato de entrega do leite, tornando a economia local mais monetizada.

Em 1965 o então primeiro-ministro pediu a Kurien para reproduzir o conceito cooperativo em outros quatro Estados. Alguns lançaram a sua própria marca de laticínios, funcionando todos muito bem. A organização e a tecnologia entraram em força, de modo a abastecerem em abundância

o país com leite e todos os produtos derivados: queijo, manteiga, gelados, ‘baby foods’, chocolataria, etc., com altos níveis de qualidade. E a Índia depressa passou de um país com grande défice –o leite é um elemento fundamental da dieta alimentar vegetariana, e não só– a ser o primeiro produtor mundial, a partir de 1999.

Atualmente a cooperativa AMUL factura mais de 2.000 milhões de dólares e conta com mais de 3 milhões de cooperantes; no conjunto dos Estados onde o conceito alastrou, conta com cerca de 15 milhões de cooperantes. Desta vez a AMUL inaugura a 6ª unidade de tratamento de leite num outro Estado, ao norte de uma das maiores cidades, Mumbai. No local foi organizada uma cooperativa, onde muitos residentes trabalham em agricultura e criam gado e apesar disso vivem em condições de grande pobreza. A certeza de compra do que produzem, é um estímulo para irem mais além, porque tudo é vendido e pago a preço justo. É a melhor forma de ajudar a elevar, em massa, o nível de vida da população local; esta nova cooperativa irá rapidamente chegar ao fornecimento de 200.000 litros de leite diários.

A unidade robotizada, praticamente sem intervenção humana no processo, garante a máxima qualidade. E a qualidade é hoje um requisito tanto para pobres como para ricos; além disso, como acontece com muitos outros produtos, a Índia exporta uma percentagem crescente de laticínios. Os avanços em IT e a sua divulgação na Índia fazem que uma grande parte dos processos industriais que exigem rigor e qualidade sejam controlados por computador que, neste caso trata da recepção, processamento, standardização e homogeneização do leite e manejo de máquinas de enchimento e fecho dos pacotes. ■

O autor escreve ao abrigo do novo acordo ortográfico